

Casa de las Américas: tercer mundo e identidad revolucionaria

José Antonio Ferreira da Silva Júnior
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Brasil
Recibido: 6/8/12
Aceptado: 10/3/2013

Resumen

El contexto cubano de 1960 fomentó el surgimiento y la creación de nuevas publicaciones que se convirtieron en espacio de expresión de intelectuales involucrados en el proceso político. Surgieron polémicas sobre los más diversos temas que suscitaba la revolución, entre ellas: el arte como expresión revolucionaria, el papel social del intelectual, las políticas culturales y sus implicaciones, la construcción del socialismo y del hombre revolucionario, la identidad nacional, el imperialismo y el colonialismo, entre otras. Nuestro objetivo es aproximarnos a estas discusiones, analizando la construcción de los discursos y la circulación de las ideas, los posicionamientos y otros mecanismos textuales que las revistas



ofrecen y que permite una perspectiva de la historia intelectual latinoamericana. Una de las principales publicaciones del período es Casa de las Américas, que sirve como nuestro objeto de estudio. Esta publicación homónima de la institución creada en 1959 por el régimen revolucionario cubano en 1959, se constituyó como centro de una red de discusión y participación que contaba con diversos intelectuales latinoamericanos y europeos entre sus colaboradores frecuentes.

Palabras clave

Casa de las Américas, historia intelectual de América Latina, revistas políticas, publicaciones periódicas, *Temas de Nuestra América*.

Resumo

O contexto cubano da década de 1960 fomentou o surgimento e a criação de novas publicações que se tornaram o espaço de expressão de intelectuais envolvidos com o processo político. Polêmicas foram criadas neste contexto sobre os mais diversos temas que a Revolução suscitava: a arte como expressão revolucionária, o

papel social do intelectual, as políticas culturais e suas implicações, a construção do socialismo e do homem revolucionário, identidade nacional, imperialismo e colonialismo, etc. Nosso objetivo aqui é se aproximar destas discussões, analisando a construção de discursos, a circulação de ideias e noções, o estabelecimento de posições e outros mecanismos textuais que as revistas oferecem, permitindo uma perspectiva da história intelectual latino-americana. Uma das principais publicações deste período, e que aqui nos serve de objeto de estudo, é a revista *Casa de las Américas*, publicação da instituição de mesmo nome fundada ainda em 1959 pelo regime revolucionário. Esta revista se constituiu como centro de uma rede de discussão e participação que contava com diversos intelectuais da América Latina e da Europa entre seus contribuidores mais frequentes.

Palabras-chave

Casa de las Américas, historia intelectual latino-americana, revistas políticas, *Temas de Nuestra América*

Revolução e cultura

O processo revolucionário cubano, iniciado em 1959, marcou não só o campo político, social e econômico, mas também o campo cultural. As transformações desencadeadas geraram um contexto onde política e cultura travaram relações diferenciadas e determinadas por essa nova

dinâmica que a Revolução inaugurou na sociedade cubana.

A importância que o novo governo estabelecido atribuiu à cultura está explícita nos diversos órgãos fundados após 1959 que eram dedicados aos assuntos culturais e às produções e expressões artísticas, dos quais a *Casa de las Américas* e o *Instituto del Arte y la Industria Cinematográficos* são grandes exemplos. Assim, surgiram sujeitos históricos que atuaram entre a política e a cultura, dentre os quais podemos notar a figura do intelectual. Muitos deles se aproximaram de Cuba atraídos pelo singular processo revolucionário que abria possibilidades de uma experiência nova para a esquerda política da América Latina e do mundo.

A produção cultural tornou-se um meio de inserção social destes intelectuais, que buscaram marcar assim seu espaço de atuação e participação política. Polêmicas foram criadas neste contexto sobre os mais diversos temas que a Revolução suscitava: a arte como expressão revolucionária, o papel social do intelectual, as políticas culturais e suas implicações, a construção do socialismo e do homem revolucionário, identidade nacional, imperialismo e colonialismo, etc. A intelectualidade se dedicou, assim, a tais questões e extraiu daí



debates que marcaram o âmbito político-cultural da época.

O suporte material privilegiado destas discussões foram os impressos e periódicos, revistas políticas, culturais e literárias que se destacam por reunir e congregar intelectuais em torno de um projeto editorial voltado para atuação na conjuntura de seu presente (Crespo, 2011). O contexto cubano da década de 1960 fomentou o surgimento e a criação de novas publicações que se tornaram o espaço de expressão destes intelectuais envolvidos com o processo político.

Nosso objetivo aqui é se aproximar destas discussões, analisando a construção de discursos, a circulação de ideias e noções, o estabelecimento de posições e outros mecanismos textuais que as revistas oferecem, permitindo uma perspectiva da história intelectual latino-americana. Uma das principais publicações deste período, e que aqui nos serve de objeto de estudo, é a revista *Casa de las Américas*, publicação da instituição de mesmo nome fundada ainda em 1959 pelo regime revolucionário. Portando um discurso em defesa das posições oficiais da Revolução Cubana, esta revista se constituiu como centro de uma rede de discussão e participação que contava com

diversos intelectuais da América Latina e da Europa entre seus contribuidores mais frequentes. (Crespo, 2011).

Assim, desejamos analisar as páginas de *Casa de las Américas*, buscando mostrar a construção de um discurso identitário e revolucionário que abarcaria a América e, em alguns momentos, outros continentes como África e Ásia. Tal problemática é inspirada pela compreensão e vigência que o conceito de *terceiro mundo* adquiriu entre a esquerda política no contexto da Guerra Fria, devido ao desgaste que o socialismo soviético sofreu diante do fim do stalinismo.¹

1 Em 1956, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, foram denunciados os crimes do regime stalinista, o que gerou comoção e choque entre a esquerda mundial. Neste contexto de desilusão com a experiência soviética, foram-se gestando movimentos políticos em diversos países que são interpretados pela historiografia sob o entendimento da Nova Esquerda. Estes movimentos são caracterizados pela reinterpretação dos clássicos teóricos socialistas, aplicando-os a processos sociais que superavam a luta de classes, como as questões de gênero e raça. Com uma compreensão mais ampla de ativismo político, buscaram incentivar um engajamento político independente de filiações, desvincilando-se dos tradicionais partidos comunistas nacionais. Kepa Artaraz (2011). *Cuba y la Nueva Izquierda: una relación que*



As esperanças revolucionárias se concentraram em casos de luta e resistência política que despontavam na África e na Ásia com o processo da descolonização, e, com a Revolução Cubana, esta perspectiva englobou também a América Latina. Segundo Claudia Gilman (2003), estes processos criaram entre a Nova Esquerda a noção de que uma revolução mundial estava em marcha, nutrindo um cada vez mais forte sentimento de repúdio às potências coloniais que se traduziu no discurso anti-imperialista que marcou as reivindicações de libertação nacional da época. Segundo a autora, o “terceiro mundo” se converteu, às vistas da esquerda, na força que empreenderia uma transformação em nível mundial.

Kepa Artaraz (2011), em um trabalho dedicado à análise da relação do regime revolucionário cubano com as esquerdas mundiais, destaca como o “terceiro mundo” cobrou grande importância para o discurso político dos intelectuais ligados à Nova Esquerda. O autor ressalta a amplitude deste *terceiro-mundismo* nos anos 1960 ao mostrar o interesse crescente nos eventos políticos destes países que ficou explícito em revistas políticas, como as britânicas *New Left Review* e *Socialist*

marcó los años 60. Buenos Aires: Capital Intelectual.

Register, a norte-americana *Monthly Review* e as francesas *Les Temps Modernes* e *Partisans*.

Em Cuba, a revista *Pensamiento Crítico* foi, segundo Artaraz, um dos principais meios de expressão da Nova Esquerda latino-americana, traduzindo e reeditando textos publicados nestas revistas citadas, além de receber contribuições de trabalhos originais de intelectuais do continente. Os editoriais mostraram-se em sintonia com a Nova Esquerda mundial ao tratar de temas e questões como: reavaliação do marxismo, situação política e econômica dos países do *terceiro mundo*, a responsabilidade política do intelectual, o potencial revolucionário de movimentos sociais presentes nos países do primeiro mundo, o internacionalismo revolucionário, etc. (Artaraz, 2011: pp. 185-199).

Assim, *Pensamiento Crítico* nos permite visualizar os temas e questões que circularam no campo intelectual e político-cultural cubano durante a década de 1960 e 1970. Esse entendimento é importante para empreendermos nossa análise de *Casa de las Américas*, tendo em mente as relações intelectuais e o diálogo de ideias e concepções que tal contexto permitiu estabelecer. Ainda que *Casa de las Américas* não esteja



identificada com os movimentos da Nova Esquerda, podemos perceber na revista a circulação de discursos terceiro-mundistas que, como defendemos neste trabalho, estavam submetidos a uma lógica identitária.

A seguir, pretendemos indicar a produção de um discurso identitário pela revista *Casa de las Américas*, passando pelos elementos e mecanismos utilizados para esta construção discursiva; assim, queremos refletir sobre o papel ocupado por uma publicação organizada por intelectuais no contexto cubano revolucionário. A questão central deste trabalho envolve a ideia de que o projeto editorial desta revista faz parte de um projeto maior: as estratégias de exportação do processo revolucionário iniciado em Cuba, que visava constituir aí uma liderança para uma revolução continental.

Internacionalismo e projeto revolucionário cubano

O primeiro elemento que queremos destacar nesta dinâmica de construção identitária é o imperialismo. Este é um conceito que foi muito empregado pela revista para definir o tipo de ameaça que Cuba estaria enfrentando. Não se trata apenas de política externa. Os diversos textos publicados em *Casa* constroem

o imperialismo como uma ameaça também militar, econômica e cultural, ressaltando diversos mecanismos de atuação e funcionamento desta política de dominação. O discurso da revista age, assim, criando o imperialismo como categoria a ser aplicada na explicação de diversas situações colonialistas.

Em um texto publicado em 1970, numa comparação entre José Martí e Ho Chi Minh, líder da resistência vietnamita contra os EUA, o autor ressalta o que seria um dos mecanismos do imperialismo: “dividir para reinar”. Usando o exemplo da dominação francesa sobre o sudeste asiático no século XIX, fica marcada a lógica da divisão e separação dos territórios para facilitar a administração colonialista (Retamar, 1970). Assim, o imperialismo que se depreende das páginas de *Casa de las Américas* é uma prática que lança mão de diversas artimanhas em nome da dominação e submissão de povos inteiros a sua lógica exploradora. Como já ressaltamos, essa atuação sub-rep-tícia perpassa as diversas esferas da sociedade, não configurando apenas um domínio político, mas também econômico e cultural.

Um texto de 1974 aponta como principal elemento contrarrevolucionário, durante o governo de Salvador



Allende no Chile (1970-1973), a instabilidade econômica. Através de políticas e medidas, o autor identifica uma “sabotagem econômica”, empreendida contra o governo dos EUA, como mecanismo para gerar instabilidade social e deslegitimar o regime do presidente eleito. O golpe militar de 1973 seria nada mais que um outro caminho buscado pelas forças imperialistas para a deposição e o fim da experiência socialista chilena. (Quiñones, 1974)

Em outro número da revista, de 1966, está presente um texto onde podemos observar o aspecto cultural da ingerência imperialista. Trata-se de uma transcrição de uma entrevista de Retamar dada a uma rádio cubana. O diretor de *Casa* discute aí uma campanha de aproximação, que estaria em voga nos anos 1960, entre intelectuais latino-americanos e instituições estadunidenses. Segundo ele, essa relação, fomentada pelos EUA através de concessão de bolsas, convites a eventos e cursos, etc, tinha como objetivo uma “castração” cultural, para remover o censo crítico, polêmico e criador destes intelectuais. (Retamar, 1966)

Outro conceito que figura bastante na revista e que contribui para a configuração identitária de *Casa de*

las Américas é o “subdesenvolvimento”. Este termo traz a ideia de exploração, tal como “imperialismo”, como vimos. No entanto, ressalta e marca os efeitos desta política dominante sobre um país ou um povo. Assim, “subdesenvolvimento” é empregado para acentuar a ideia de que as relações entre países imperialistas e países em exploração são perniciosas e desvantajosas para estes últimos. Segundo o discurso da revista, a riqueza e o desenvolvimento de alguns países só foi possível graças à exploração de outros, como podemos observar neste trecho de um texto de 1968:

Es innegable que existe una íntima relación entre la miseria del Tercer Mundo, por una parte, y las condiciones que han hecho posible los hallazgos del arte y de la ciencia occidentales por la otra. Los pueblos de Asia, África y América Latina han servido durante siglos de combustible humano para alimentar un desarrollo que va desde el Siglo de las Luces hasta las conquistas más recientes de la técnica moderna. Aún hoy [...] el imperialismo y el neocolonialismo se empeñan en mantener a estos pueblos en los vertederos de la historia (AA.VV., 1968, pp. 103-104. Grifo nosso.).



É esta compreensão em torno do subdesenvolvimento que permite a Retamar elaborar, em outro texto deste mesmo número 47, de 1968, a ideia de países *subdesarrollantes*:

[...] creemos que la verdadera dicotomía entre nuestros países y aquellos no es ‘países subdesarrollados/países desarrollados’, sino ‘países subdesarrollados/países subdesarrollantes’. Estos últimos son los países que se han desarrollado en su conjunto – es decir, tomados como un sistema, y no pieza a pieza – gracias a la explotación de los nuestros. (Retamar, 1968, p. 122. Grifo nosso.)

É justamente essa ideia que o autor busca marcar que queremos discutir. A ideia em torno do subdesenvolvimento sugere para Retamar uma dinâmica de causa e efeito: o desenvolvimento de um país no sistema capitalista está atrelado à exploração de outro. Este é um entendimento bastante difundido por *Casa* e está presente em vários outros textos. Um texto de 1967, sob o título de *Cultura, subdesarrollo y socialismo*, já discutia as dificuldades para a construção do socialismo em Cuba. O texto trabalha justamente com essa argumentação onde o subdesenvolvimento seria uma condição que resulta da ingerência

do colonialismo e do imperialismo, orientados para o enriquecimento e desenvolvimento de uma potência exterior. (Kouri, 1967)

Nos dois trechos citados acima, destacamos passagens que nos permitem avançar em nossa hipótese. Podemos perceber, no primeiro deles, como a terminologia “terceiro mundo” está presente, abarcando países da Ásia, África e América Latina. No segundo trecho, podemos notar a ideia dos países *subdesarrollantes* como um grupo, um conjunto que não pode ser considerado “peça a peça”. Um discurso identitário transparece nos dois excertos, porque reúne diversos países sob uma lógica unitária. De um lado, o terceiro mundo, vítima da exploração de países que figuram no outro lado, os países *subdesarrollantes*. O alcance mundial deste discurso é um dado que chama a atenção. Estão reunidos, em cada lado, países de diversos continentes, de diferentes contextos, mas essa diversidade se resolve discursivamente sob as definições de imperialismo, colonialismo, exploração, subdesenvolvimento, etc.

É sobre este discurso identitário que estão apoiados entendimentos e concepções elaborados por *Casa* nos debates e discussões que seus textos



empreendem. Torna-se uma identidade dada, natural, corriqueira e frequente, que surge nos mais diversos textos sem problematização ou reflexões mais aprofundadas sobre esta construção. Uma resenha publicada em 1971 partiu desta premissa, afirmando que sua conjuntura apresentava uma “[...] exacerbación de la lucha ideológica y del reagrupamiento decisivo de fuerzas en el continente” (Duque, 1971, p. 171).

Um número de 1965 traz o texto intitulado *El colonialismo como realidad* (Estrada, 1965) do argentino Ezequiel Martínez Estrada. Publicado originalmente em 1962, o texto afirma uma proximidade entre países da América Latina e da África, estabelecendo que a relação entre os dois continentes é “orgânica e tectônica”. O autor vai além e escreve um pouco mais adiante: “Los casos de Haití, Santo Domingo, Nicaragua y Guatemala son semejantes a los de Guinea, el Congo, Ghana y otros territorios del mismo mapa de los países pobres que forman una familia” (Estrada, 1965, p. 84). Neste trecho podemos perceber a ideia de que a pobreza une e aproxima processos e contextos nacionais dos mais diversos, entre América Latina e África. Ao republicar este texto, a revista reafirma o discurso que buscava construir acerca de uma identidade

constituída sobre as concepções de imperialismo, colonialismo, etc.

Mas, como já destacamos rapidamente, este discurso identitário atinge também países e povos na África e Ásia. Podemos observar, por exemplo, aqui: “Desde los confines del sudeste asiático hasta la cordillera de los Andes nos encontramos ante una masa oprimida, despreciada, sistemáticamente dividida por sus opresores” (AA.VV., 1968, p. 102. Grifo nosso.). O autor afirma a existência de *uma* massa, constituída e formada a partir da opressão sofrida: é a condição de vítima do imperialismo que unifica os diversos países. No mesmo texto, lemos:

Nuestro tempo se caracteriza por el esfuerzo tenaz de tres continentes por librarse de la opresión. Vivimos una etapa de lucha entre el imperialismo y los países sojuzgados del mundo, es decir, en medio de una violenta lucha de clases a escala internacional. (AA.VV., 1968, p. 102. Grifo nosso.)²

2 “Tres continentes” se refere à América Latina, África e Ásia. Esta foi uma compreensão bem estabelecida nos anos 1960 no discurso revolucionário cubano que buscava marcar que os três continentes são as vítimas históricas da exploração e do capitalismo europeu e norte-americano nos últimos séculos. Foi esta ideia que gerou vários eventos para a aproximação e discussão de um projeto revolucionário



Neste trecho é importante destacar o dualismo que o discurso do autor atribui a uma dinâmica mundial de enfrentamento e luta política. Este discurso identitário que a revista fomenta e constrói estabelece um inimigo comum a Ásia, África e América Latina. Trabalhando com conceitos tais como imperialismo, colonialismo, subdesenvolvimento, terceiro mundo, entre outros, a revista define dois grupos em enfrentamento: define imperialismo e sua vítima, explorador e explorado.

É importante pensarmos o papel que estes conceitos ocupam no discurso da revista. Estes conceitos circularam largamente pelas diversas discussões intelectuais e, sem dúvida, o que podemos observar em *Casa* é uma das concepções e perspectivas elaboradas em torno destas categorias explicativas. A apropriação e a significação discursiva destes elementos integrou a política editorial da revista que os empregou conforme um projeto de participação cultural na Revolução Cubana. Em vários

que englobasse as esquerdas mundiais. Neste sentido, em 1966, em Havana, foi realizada a I Conferência Tricontinental de Havana e foi fundada, um ano mais tarde, a OLAS (Organización Latinoamericana de Solidaridad), entidade com sede em Havana que congregava lideranças e movimentos anti-imperialistas mundiais.

momentos, percebemos que este discurso identitário estava integrado a um projeto revolucionário cubano. Por exemplo:

Admitimos que la primera mitad no, pero esta mitad del siglo XX es nuestra, de América Latina, del Tercer mundo. No vamos a renunciar a ella. Ese destino político de nuestros pueblos es también un destino cultural. Si no asumimos ese destino, nunca dejaremos de ser colonias culturales. (Retamar, 1966, p. 139)

Neste trecho notamos o uso da identidade numa lógica de convocação, de superação da condição de “colônia cultural”. O já citado texto *Responsabilidad del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado*, de 1968, uma resolução elaborada no Congresso Cultural de la Habana por uma comissão coletiva, é emblemático neste sentido porque explicita uma série de compreensões que nos ajudam a compreender a problemática identitária e o objetivo de sua constituição pela revista. Nele lemos: “[...] los pueblos del tercer mundo toman decididamente el camino de la lucha armada”. (AA. VV., 1968, p. 102) O discurso de *Casa* estabelece assim um *internacionalismo revolucionário*, ampliando a escala da luta armada para o “terceiro mundo”, categoria discursiva que,



como vimos, abarca diversos países na África, Ásia e América.

O que queremos destacar aqui é que foi construído discursivamente, principalmente por um esforço de *Casa de las Américas*, um movimento revolucionário em escala mundial, e coube a Cuba um papel central neste cenário. O fato de Cuba estar desenvolvendo um processo revolucionário socialista neste contexto mundial faz com que o discurso presente na revista identifique aí uma liderança na oposição ao imperialismo, aquele “inimigo comum” que já mencionamos. Esta compreensão leva à seguinte afirmação:

El bloqueo que los Estado Unidos han impuesto sobre Cuba exige de nosotros que promovamos, individualmente y en el marco de las organizaciones necesarias, todas las acciones que conduzcan a romper el aislamiento en que se pretende mantener a este país, vanguardia de la revolución en América (AA.VV., 1968, p. 105).

Observamos, assim, claramente, que Cuba é colocada numa posição de vanguarda revolucionária no contexto latino-americano. A noção de que este cenário de convulsão política deve ser expandido está presente também neste texto e, mais uma vez, mostra uma lógica internacionalista:

“La ayuda técnica de los países socialistas a los países en revolución es un ejemplo de internacionalismo en este campo” (AA.VV., 1968, p. 105). Sobre essa ideia, podemos pensar tanto na aproximação cubana com as políticas e auxílios soviéticos, quanto numa ajuda que Cuba estaria disposta a oferecer desde sua posição de vanguarda revolucionária.

O fato de estarem mencionados “países socialistas” marca o contexto mundial da Guerra Fria. O texto que estamos aqui discutindo insere aí o internacionalismo revolucionário cubano: “El actual movimiento de liberación de los pueblos del Tercer Mundo conduce al socialismo [...] Las revoluciones cubana y vietnamita no cesan de afirmar, con su vitalidad, su particularismo nacional y su universalismo social” (AA.VV., 1968, p. 103). Na verdade, a referência à Guerra Fria é indireta; o texto estabelece um conflito mundial entre duas forças: a imperialista e a revolucionária (AA.VV., 1968, p. 102).

Podemos notar que, apesar de serem termos distintos, estão designando dois polos de enfrentamento, o capitalista e o socialista. Já vimos como o imperialismo torna-se critério de definição identitário que localiza tanto o “inimigo comum” quanto



suas vítimas. O discurso de identidade que podemos observar em *Casa* mantém uma lógica dicotômica e, ao partir desta compreensão de dois blocos em enfrentamento, nos diz muito sobre o projeto de exportação revolucionária do qual a publicação foi expressão discursiva.

Assim, podemos pensar no papel que uma revista cultural como *Casa de las Américas* desempenhou no contexto da Revolução Cubana. Sendo uma publicação de ampla circulação, ao colocar em discussão estas noções, ideias, conceitos e compreensões, *Casa* constituiu uma série de discursos que se relacionavam com o processo revolucionário cubano. Sua proximidade com as políticas do regime atribuiu um caráter oficialista e lhe rendeu legitimidade: a revista tornou-se um espaço de autoridade para arbitrar questões culturais, difundindo discussões e apresentando debates. Nesta dinâmica, estabeleceu uma institucionalidade cultural latino-americana que tinha na Revolução Cubana seu centro de referência (Quintero-Herencia, 2002). O discurso identitário que tentamos analisar neste trabalho é parte deste arcabouço discursivo que a revista fomentou, incentivou e configurou. Ao pensarmos neste discurso inserido numa concepção de projeto revolucionário, buscá-

vamos superar o âmbito textual da revista e enxergá-la em sua função social e política, em sua atribuição revolucionária cumprindo um papel e assumindo uma responsabilidade, tal como foi cobrado do intelectual neste contexto.

Referências bibliográficas

- Artaraz, K. (2011). *Cuba y la Nueva Izquierda: una relación que marcó los años 60*. Buenos Aires: Capital Intelectual.
- Crespo, R. (2011). Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: S. Franco & M. Junqueira. *Cadernos de Seminários de Pesquisa* (pp. 98-115). São Paulo: Usp/Humanitas.
- Gilman, C. (2003). *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Quintero-Herencia, J. C. (2002). *Fulguración del espacio: letras y imaginario institucional de la revolución cubana (1960-1971)*. Rosario: Beatriz Viterbo.
- AA.VV. (1968). Responsabilidad del intelectual ante los problemas del mundo subdesarrollado. *Casa de las Américas*, (47), 102-105.
- Duque, J. M. (1971). Nuevo libro sobre el imperialismo. *Casa de las Américas*, (67), 169-171.
- Estrada, E. M. (1965). El colonialismo como realidad. *Casa de las Américas*, (33), 82-85.



- Kouri, R. R. (1967). Cultura, subdesarrollo y socialismo. *Casa de las Américas*, (41), 105-109.
- Quiñones, R. A. (1974). Genesis imperialista del golpe fascista en Chile. *Casa de las Américas*, (83), 61-68.
- Retamar, R. F. (1966). Sobre la penetración intelectual del imperialismo yanqui en América Latina. *Casa de las Américas*, (39), 133-139.
- Retamar, R. F. (1968). Responsabilidad de los intelectuales de los países subdesarrollantes. *Casa de las Américas*, (47), 121-123.
- Retamar, R. F. (1970). Sobre Martí y Ho Chi Minh, dirigentes coloniales. *Casa de las Américas*, (63), 48-53.

